

VOZES DIVERSAS

DIFERENTES SABERES



SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXX SIC

15 a 19
OUTUBRO
CAMPUS DO VALE



Escritores e assassinos: os “homens de letras” nos romances de Graciliano Ramos

Autor: Elisa Hübner

Orientador: Carlos Augusto Bonifácio Leite

O Romance de 30 tem no Brasil como característica um caráter “revolucionário”, no qual escritores assumem o engajamento literário na tentativa de provocar a conscientização e a crítica em seus leitores. Em *Literatura como missão* (1995), Sevcenko analisa movimento semelhante que ocorre no final do século XIX com o fim do Brasil imperial e o início da caótica República. Já na década de 30, alguns autores escolhem a afiliação direta à política na literatura, como Jorge Amado e José Lins do Rego – membros do PCB –, que escrevem com o intuito de propagar os ideais da revolução comunista. Graciliano Ramos era também afiliado ao partido comunista, mas suas obras contrastavam com as narrativas dos outros autores, pois era criticado por fundadores do partido de ser “pouco revolucionário” na criação de seus três primeiros protagonistas – não incluindo Fabiano, de *Vidas secas*.

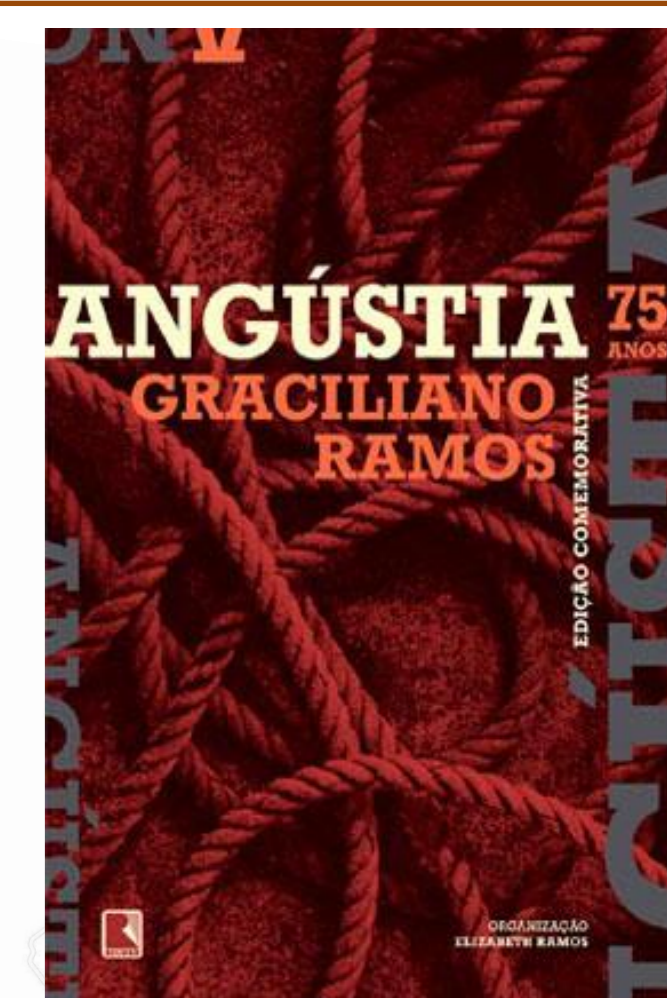
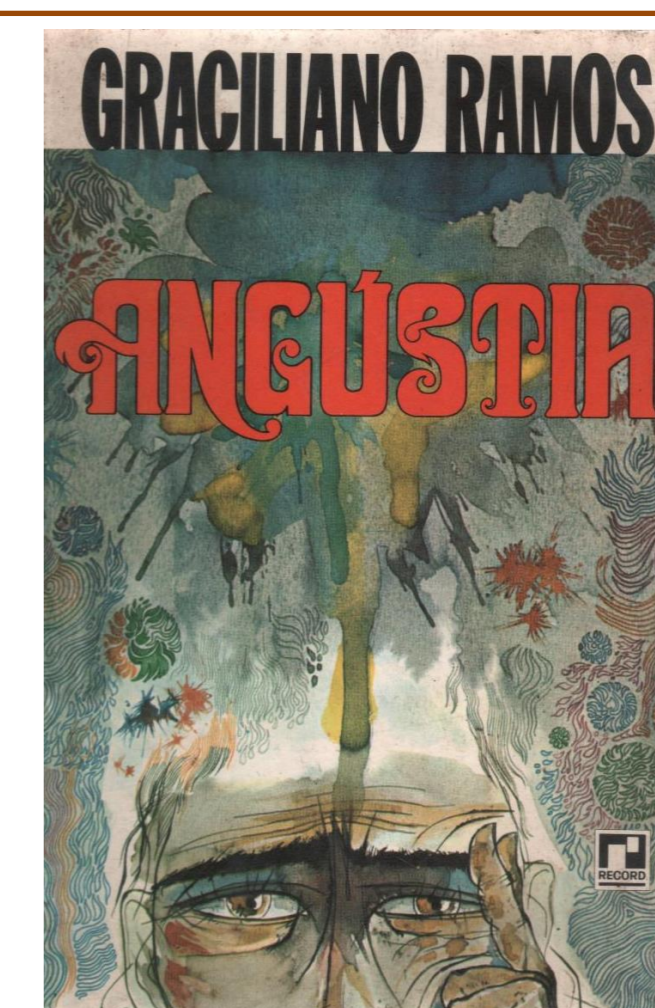
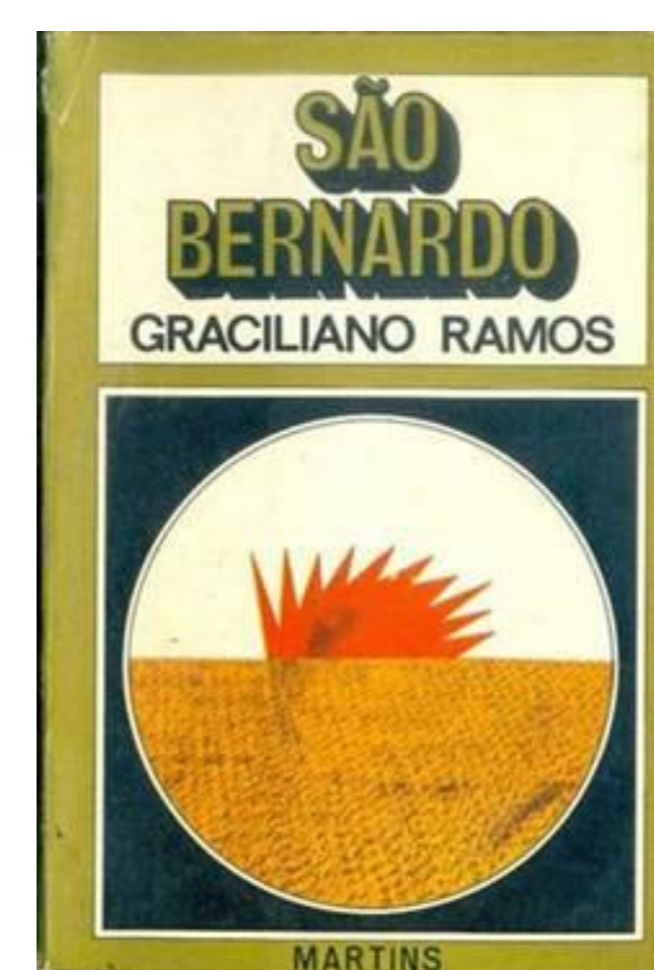
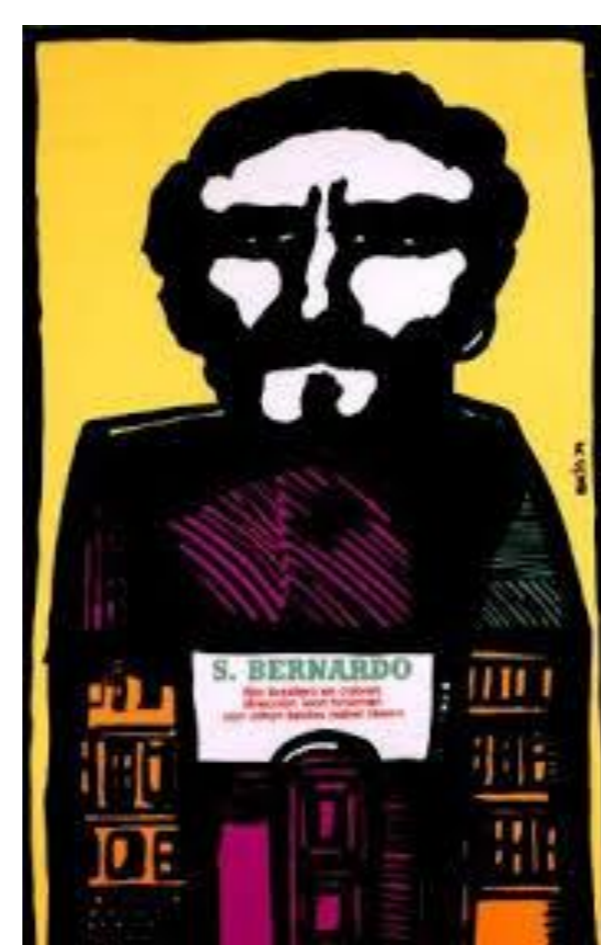
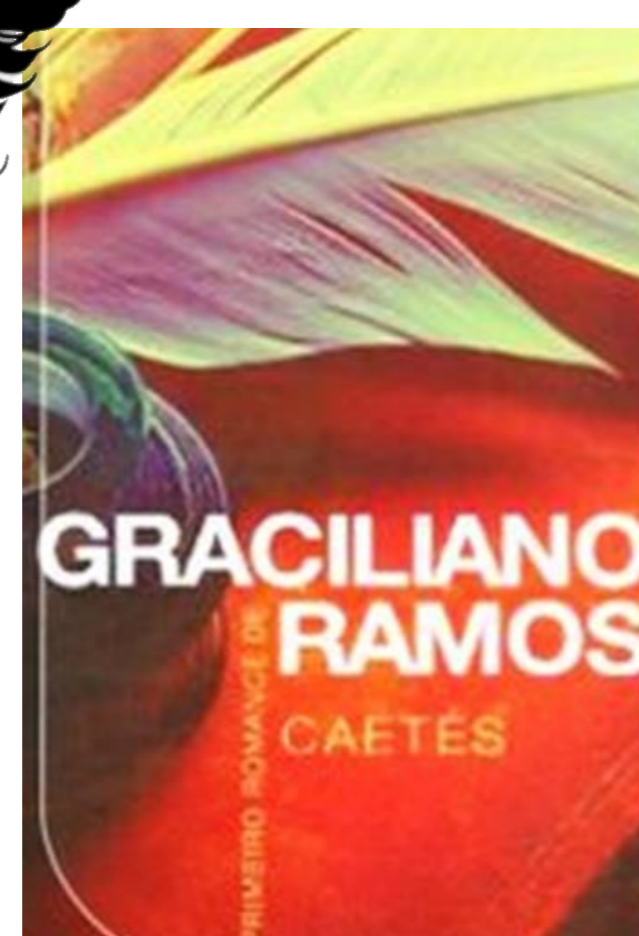
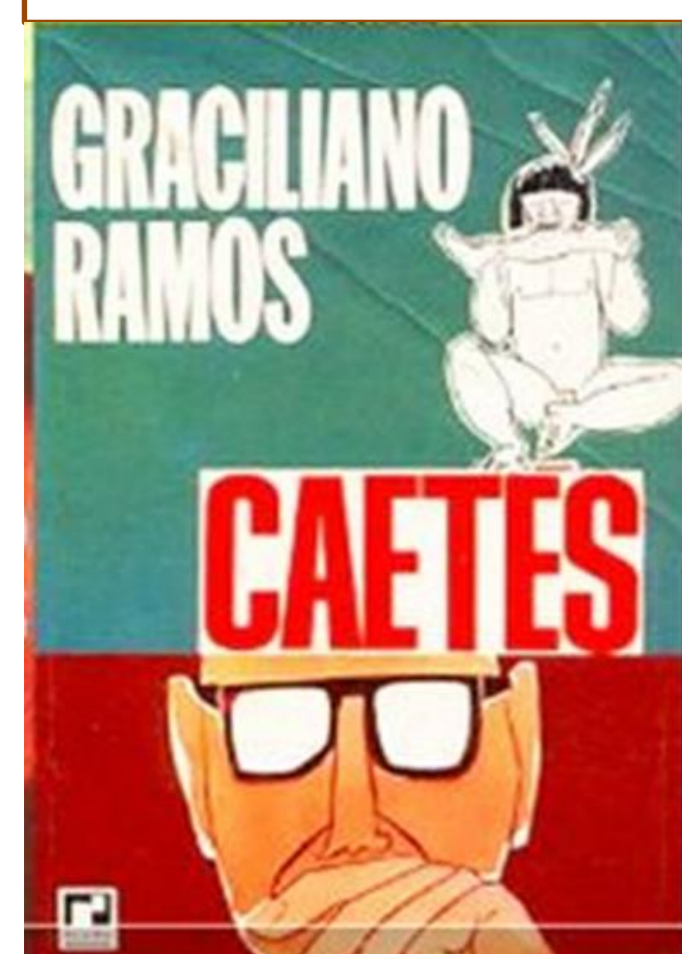
Graciliano Ramos constrói, a partir de uma perspectiva pessimista sobre o ofício do homem de letras, três narradores que tem relação próxima com a escrita. Eles narram a própria história, o primeiro na província, o segundo no ambiente rural como proprietário e o último no sufocante meio urbano. Ele assume uma posição singular entre os escritores, pois seus protagonistas estão carregados de conflitos interiores e abismos, porém a ele não faltou uma postura crítica. Em seu livro *Infância* (2002), ele afirma: “(...) preso à terra, sensibilizar-me-ia com histórias tristes, em que há homens perseguidos, mulheres e crianças abandonadas, escuridão e animais ferozes.”, o que o coloca em uma posição inconformada com a ordem social. O interessante é analisar de que maneira se dá essa crítica, e como nos seus romances o livro não acolhe o papel de instrumento de revolução a partir de narradores “heroicos”.

Em *Caetés*, primeiro romance ficcional do autor, João Valério é escritor de fachada, ele escreve no intuito de se autopromover a intelectual, de se aproximar dos bacharéis e doutores. Aqui a literatura tem valor de capital simbólico, não de possibilidade de emancipação. Valério é autor de um romance fraco, pois não tem habilidade na escrita, e inveja os intelectuais que usam a erudição como forma de ascender na carreira.

Já Paulo Honório, em *São Bernardo*, e Luís da Silva, em *Angústia*, não admiram a literatura nem aspiram a escritores. O primeiro é um narrador seco, proprietário que anula ou destrói todos que se mostram adversários (BUENO, 2001), mas que não é capaz de matar Madalena, sua esposa, e isso causa nele um conflito de subjetividade que se expressa na escrita de seu romance biográfico.

Luís não é nem proprietário e nem intelectual, ele está estagnado no meio urbano e sem possibilidade de ascender. Movido por princípios puramente individualistas, ele escreve um romance que, por hipótese, está entre calculado e espontâneo, para se isentar de culpa pelo assassinato do rival e se mostrar como “homem de verdade”.

A partir do estudo dos três primeiros romances de Graciliano encontramos o homem de letras “acanhado”, que encontra a resolução de seus dilemas pela violência ou pela imposição, e que faz uso das letras para se manter ou se promover na ordem social. O autor parece se distanciar de outros autores da década de 30, mas se engaja no movimento literário mesmo retratando narradores que são escritores não-revolucionários e, por vezes, assassinos.



REFERÊNCIAS: BUENO, Luis. “Graciliano Ramos” In *Uma história do romance brasileiro de 30*. Campinas, SP: [s.n.], 2001. FERREIRA, Brasília Carlos. “Literatura e Política”. In *Graciliano Revisitado*. Natal: Editora Universitária, UFRN, 1995. GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. LAFETÁ, João Luiz Machado. “O mundo à revelia”, em RAMOS, Graciliano. *São Bernardo* [58ª ed.]. Rio de Janeiro: Record, 1992. _____. 1930: *A crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; 1974. 214 p. PACHECO, Ana Paula. “A subjetividade do Lobisomen (São Bernardo)”. In: *Literatura e Sociedade* (USP), p. 66-83, 2010. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* [4ª ed.]. São Paulo: Brasiliense, 1999.